

**QUERO CRESCER COMO UMA AMOREIRA: RESSIGNIFICANDO
MEMÓRIAS DE INFÂNCIA A PARTIR DA PRÁTICA DOCENTE**

Bianca Raquel de Toledo ¹

Orientação: Selma Machado Simão²

RESUMO

Este artigo explora a relação entre a prática docente e a ressignificação de memórias infantis, partindo de vivências pessoais e profissionais da autora como educadora de artes e cuidadora. A infância é abordada como um território de pesquisa, no qual lembranças como os animais de jardim, as brincadeiras de pega-pega e os professores inesquecíveis emergem como potentes disparadores de reflexões. Essas memórias, reativadas a partir de um olhar atento e crítico sobre a trajetória pedagógica, tornam-se um ponto de partida para investigar como experiências pessoais podem entrelaçar-se com o ensino e fortalecer conexões afetivas entre docentes e alunos. O poema autoral Quero crescer como uma amoreira funciona como fio condutor desta investigação, oferecendo um suporte poético para discutir a infância como um espaço de experimentação e transformação. Fundamentado em teorias de autores como bell hooks, Ana Mae Barbosa e Paulo Freire, o texto reflete sobre o papel do afeto e da sensibilidade na arte-educação, considerando que revisitar memórias do docente pode modificar sua prática pedagógica e promover um ambiente educativo mais acolhedor e significativo para as crianças. Além disso, o artigo apresenta resultados de atividades realizadas em sala de aula e depoimentos de educadores e educadoras, que evidenciam como a rememoração pode ser transformadora na construção de vínculos e no desenvolvimento de processos educativos. Assim, valorizando a escuta sensível e as histórias, tanto do docente quanto dos alunos, como elementos fundamentais para uma formação afetiva.

Palavras-chave: Arte-educação, infância, memória, afetividade, professores inesquecíveis.

INTRODUÇÃO

A infância, com sua curiosidade e espontaneidade, frequentemente ressurgem em nossas vidas de maneira inesperada. Para mim, como docente de artes e monitora em uma brinquedoteca e espaço educativo, esse reencontro é constante.

Cada atividade proposta, cada conversa com as crianças, cada casinha montada traz à tona memórias e sensações da minha própria infância, convidando-me a ressignificá-las

¹ Graduanda em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) - SP (b225708@dac.unicamp.br).

² Professora do Instituto de Artes da Unicamp dos Programas de Graduação e Pós Graduação em Artes Visuais e Coordenadora do Departamento de Artes Plásticas do Instituto de Artes da UNICAMP -SP (selmams@unicamp.br).

ENLIC

CENTRO-OESTE

continuamente. Esses momentos não são apenas recordações passivas, mas sementes de reflexões que alimentam a minha prática pedagógica.

Nesse contexto, o diálogo entre poéticas artísticas e educação possibilitou o surgimento do trabalho poético “Quero crescer como uma amoreira”. Inspirado por uma obrigação ritualística da religião Umbanda, da qual faço parte, esse poema simboliza minha reconexão com a árvore de amoras e com lembranças de colhê-las na escola, quando as manchas de frutinha marcavam tanto o uniforme quanto os sentidos. Esse processo criativo levou-me a investigar de quais formas a ressignificação de experiências pessoais pode transcender o âmbito individual e expandir-se para outras dimensões da arte-educação, ampliando o olhar docente para as infâncias que vivemos e que agora acompanhamos.

Assim, em um cenário educacional frequentemente marcado pela padronização e pelo ensino tecnicista, compreender a relação entre memória e prática docente torna-se fundamental para humanizar o processo de ensino-aprendizagem. Diante disso, esta pesquisa busca responder à seguinte questão: “Como as memórias da infância influenciam a prática docente e de que forma podem contribuir para um ensino mais afetivo e significativo?”

Como bell hooks (2019) enfatiza, o amor e o cuidado são pilares essenciais no processo educativo:

“[...] Não importa de onde o amor surge na sala de aula, ele transforma. Todas as relações amorosas e significativas empoderam cada pessoa envolvida na prática mútua de parceria. O amor entre professor e estudante faz com que o reconhecimento seja possível; oferece um espaço onde há interseção dos esforços acadêmicos com os esforços mais genéricos de todos nós [...]. A educação mudará para melhor quando todos os professores aprenderem a amar, tanto fora da sala de aula quanto dentro dela.”
(HOOKS, 2020, p. 243)

Além disso, Ana Mae Barbosa (2012) reforça que a arte, como mediadora de processos educativos, permite aos alunos acessar camadas mais profundas e subjetivas de sua formação. Assim, revisitar memórias da infância torna-se, para o educador, não apenas um ato de conexão com suas próprias sensibilidades, mas também uma ampliação do olhar sobre o universo emocional das crianças com quem trabalha. Revisitar a infância, como

observa hooks (1996), é um ato de coragem e cura: um encontro com as raízes de nossas dores e, muitas vezes, a chave para nossa libertação.

METODOLOGIA

Este artigo adota a autoetnografia como abordagem metodológica, um método qualitativo que entrelaça experiências pessoais, análise crítica e referenciais teóricos, permitindo uma investigação sensível e aprofundada. O campo de análise fundamenta-se em relatos de experiência na docência em artes e na atuação como monitora em uma brinquedoteca.

A autoetnografia possibilita que o pesquisador utilize sua própria vivência como ponto de partida para a análise, tornando visíveis os processos subjetivos que atravessam a prática docente. Dessa forma, o relato pessoal não apenas documenta experiências, mas também se configura como um dispositivo para ampliar a compreensão da experiência educacional, articulando memórias, afetividade e ensino.

Para ampliar a investigação, foram realizadas entrevistas informais com monitores e educadores, presencialmente e via mídias sociais, explorando como as memórias da infância impactam suas práticas pedagógicas. As questões abordadas incluem:

- Você costuma se lembrar de algo da sua infância ao trabalhar com as crianças?
- Essas memórias influenciam sua prática educativa? Como?
- O que da sua infância mais lhe auxilia (ou auxiliaria) como educador(a)?
- O resgate dessas memórias pode melhorar sua relação com os alunos?

Além disso, o poema “Quero crescer como uma amoreira” atua como um disparador artístico, estimulando a revisitação da infância e a reflexão sobre a ressonância das memórias afetivas na prática docente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir do processo de ressignificação do imaginário infantil e da investigação deste trabalho, duas questões principais emergiram, que ao longo da pesquisa se complementam: "O que me faltou e que quero trazer para as crianças com as quais leciono hoje?" e "De que

ENLIC

CENTRO-OESTE

formas me deparar com essas 'melhorias' e 'preocupações do afeto/cuidado' com as crianças do agora também cura minha criança interior?".

Ao investigar essas questões, parto do pressuposto destacado por Elida Tessler em seu artigo “Coloque o dedo na ferida aberta ou a pesquisa enquanto cicatriz” (2002), em que para o artista contemporâneo, as dúvidas e incertezas não são obstáculos, mas matéria-prima essencial. A multiplicidade de perguntas e respostas compõe o cerne do processo criativo, tornando a arte um território de investigação contínua, onde as respostas, ao invés de se fixarem, desdobram-se em novas possibilidades de reflexão. A presença de duas perguntas abertas e a impossibilidade de respostas fechadas alimentam a própria razão do trabalho, que é pessoal e depende das vivências de cada educador, cuidador e ser humano que um dia foi criança.

Em diálogo com Marina Marcondes, no artigo “Espiralidades: arte, vida e presença na pequena infância”, discute-se como a criança se contextualiza com o mundo, habitando as formas do meio em que vive, especialmente através da brincadeira. O brincar, como estrutura e caminho do educar, fundamenta-se na investigação, no interesse e no prazer.

O brincar é ação, sentimento e pensamento fundante dos modos de ser e estar da criança, como destaca Marina Marcondes (2020). As crianças criam histórias o tempo todo, recontam o mundo à sua maneira, transformando gestos em grandes acontecimentos. Um exemplo disso ocorreu durante uma brincadeira na brinquedoteca, quando um de meus alunos, encantado pelas joaninhas, disse que gostaria de encontrar todas as joaninhas do mundo. Ele compartilhou que uma vez havia cheirado uma, mas que não tinha cheiro algum. Eu, intrigada, indaguei: “Qual cheiro você acha que a joaninha deveria ter então?” Ele, com um sorriso, respondeu prontamente: “De arco-íris!” “E qual o cheiro de arco-íris?”, perguntei. Ele riu e disse: “Cheiro de picolé!”. “Picolé de quê?”. E ele, como se fosse óbvio: “Picolé de joaninha!”.

Seu fascínio por esses pequenos seres me transportou imediatamente para minha própria infância, quando eu me encantava pelas lagartas que encontrava no terreno da minha escola, quando íamos catar amoras no verão ou brincávamos entre as árvores. Eu compartilhei essa memória com meu aluno, que, curioso, quis saber mais sobre as lagartas.

*eram sempre as lagartas e as amoras que marcaram os rastros
pegadas de crianças arteiras
lembranças e registros de risada*

Esses rastros da infância, reavivados no contato com as crianças, mostram como o brincar também é um exercício de memória e conexão. Para nós, adultos, tomados pela rotina, pela constância do trabalho e pela pragmática exigida pelo capitalismo, o brincar das crianças é, ao contrário, um campo de investigação sensível, onde objetos, seres vivos e experiências se tornam material para novas histórias e redescobrimentos.

Entretanto, em nossa grandiosa complexidade, as memórias da infância, ao serem evocadas, não trazem apenas lembranças doces, mas também evidenciam ausências, dores e lacunas que moldaram nossa autoestima e percepção de pertencimento ao longo da vida.

Penso bastante em como teria sido importante para mim acessar lugares e assuntos que me foram privados. Pesquisas e discussões que hoje trago para os meus alunos teriam me auxiliado a compreender as injustiças que me permearam durante a infância.

*quero passar por todas as etapas desse crescimento
conhecer cada espaço nesse mundo que meus galhos vão ocupar
sei que ao longo da vida ocupei os formatos das casas que morei
então agora, quero afetivamente ocupar uma amoreira*

A metáfora da amoreira me faz refletir sobre a necessidade de crescer de forma expandida, enraizando afetos e cultivando espaços de aprendizado que antes me faltaram. Como educadora, busco oferecer também aquilo que teria feito diferença para mim. Assim, ao mesmo tempo que ensino, também me curo, permitindo que minha criança interior encontre, através do afeto, espaços de acolhimento que um dia precisou.

Os relatos de outros educadores também demonstram como as memórias de infância impactam a prática docente e se entrelaçam na construção do ensino mais afetivo e inclusivo. O brincar, aparece como um ponto de intersecção entre todes es colegas educandes que conversei, porém pontos extremamente importantes foram abordados e alguns deles serão esmiuçados a seguir.

Flávia Ribeiro³, ao trabalhar em um espaço educativo, percebeu como suas experiências maternas se tornavam um referencial importante para remodelar perspectivas e

³ Engenheira Civil com especialização em gestão de qualidade. Idealizadora de Orientandu, brinquedoteca e espaço educativo junto de seu filho Du Ribeiro, em Indaiatuba - SP.

ENLIC

CENTRO-OESTE

padrões enraizados em seu imaginário como cuidadora e educadora. Um momento marcante foi sua interação com uma criança autista que brincava com peças de um jogo da memória sem precisar, necessariamente, olhar diretamente para elas. Esse gesto a fez refletir sobre como, durante sua própria infância e na criação de seus filhos, o olhar era visto como um elemento essencial para interação, muitas vezes ligado à repreensão. Prática, em suas palavras, “podadora” e enraizada em normas sociais patriarcais. No entanto, a experiência docente permitiu revisitar esses conceitos e compreender que diferentes inteligências e formas de percepção podem coexistir e serem igualmente valiosas. Como argumenta Howard Gardner (1995): "Se tivermos em mente que as crianças aprendem de muitas maneiras diferentes, aumentaremos consideravelmente suas chances de desenvolver o entendimento."

A partir dessa perspectiva, compreende-se que não há uma única forma de aprender ou interagir com o mundo, e que o ensino precisa ser flexível para acolher diferentes inteligências. Sua trajetória reflete não apenas um deslocamento pedagógico, mas também uma caminhada inversa de cuidado com sua própria criança interior, permitindo-se desaprender padrões rígidos e abrir espaço para novas possibilidades de escuta e ensino.

Para Bianca Paiva⁴ (BB), a infância ressoa de maneira profunda em sua prática docente, e a falta é o que a carrega mais. Como uma pessoa preta, recorda-se de que, quando criança, sempre desenhava pessoas brancas, pois eram poucas as representações que via ao seu redor, e essa problemática nunca lhe foi apresentada. Hoje, como educadore, ele busca romper esse ciclo, promovendo uma educação que valorize diversidade, identidade e representatividade na arte.

[...] A educação como prática da liberdade nos ensina que podemos mudar as coisas. Ensina que não precisamos aceitar como imutáveis as estruturas de dominação, mas que podemos transformá-las. (HOOKS, 1994, p. 211).

Reconhecendo essa potência da educação, BB se vê como a professora preta que nunca teve e busca incentivar seus alunos a desenvolverem uma visão crítica sobre raça e

⁴ Graduanda em Música pela Universidade Estadual de Campinas e professora de canto em Campinas - SP.

ENLIC

CENTRO-OESTE

arte. Em sua sala de aula, quando os alunos perguntam sobre "tinta cor de pele", ele os questiona: "Mas qual tom de pele você quer pintar?", convidando-os a perceber a pluralidade racial e a refletir sobre representatividade desde cedo.

Importante destacar que, a construção de um ambiente educativo verdadeiramente antirracista não pode ser uma responsabilidade exclusiva de educadores negros. Como destaca Djamila Ribeiro (2019): "O racismo não é um problema apenas das pessoas negras. É um problema da sociedade como um todo, e combatê-lo exige que pessoas brancas assumam a responsabilidade de desconstruir privilégios e atuar ativamente na transformação social."

Cabe, portanto, também às pessoas brancas o compromisso ativo de desconstruir os paradigmas da branquitude, ampliar o repertório cultural das crianças e valorizar os saberes afrodiáspóricos como parte essencial do ensino. Mais do que garantir que crianças negras se vejam representadas, é necessário decolonizar os olhares e reconstruir narrativas, criando espaços educativos onde todas as crianças possam se reconhecer, pertencer e transformar o mundo ao seu redor.

Outro exemplo vem de Celina Nascimento⁵, que sempre foi uma criança muito imaginativa e sonhadora. Ela se preocupa para não podar a imaginação e a criatividade de seus alunos nas aulas de música. Ela compreende que o protagonismo do aluno é fundamental para o ensino, como está garantido nas orientações curriculares de aprendizagem brasileira:

"[...] é necessário que o professor tenha em mente também a ideia de protagonismo, que, no caso da Arte, abrange produtores, autores, artistas — compreendidos tanto individual quanto coletivamente: suas vidas, motivações pessoais, culturais, estéticas, artísticas. Nesse universo, o aluno pode despontar como agente da produção de diversas linguagens artísticas ou da apreciação de manifestações de arte." (BRASIL, 2002, p. 183)

⁵ Pedagogo formado pela Universidade Federal de Santa Catarina e idealizador de Orientandu, brinquedoteca e espaço educativo junto de sua mãe Flávia Ribeiro, em Indaiatuba - SP.

ENLIC

CENTRO-OESTE

Dessa forma, a protagonização do aluno aparece como um pilar fundante para essa discussão. Du Ribeiro⁶ relata que, durante a atuação como educador, muitas vezes buscamos oferecer às crianças aquilo que sentimos ter nos faltado na infância. Essa busca é legítima e carregada de intenções afetivas, mas exige um olhar atento: até que ponto aquilo que nos faltou é, de fato, o que a criança diante de nós precisa?

A construção de um espaço educativo que valorize a autonomia e o desenvolvimento individual não pode partir apenas das nossas próprias carências infantis. Como destaca Du, o risco de projetarmos nossas necessidades no outro é real, e o egocentrismo pode se disfarçar de altruísmo, mesmo que sem intenção. A educação exige, portanto, um equilíbrio entre a escuta sensível e o respeito à alteridade, garantindo que o suporte oferecido esteja alinhado às demandas da criança e não apenas às memórias do educador.

Nesse sentido, as memórias da infância podem ser aliadas valiosas, sensibilizando o olhar pedagógico e enriquecendo o repertório de trabalho. Contudo, acessar essas recordações pode ser um processo emocionalmente intenso, e é fundamental que o educador tenha uma rede de apoio e espaços de expressão para lidar com esses resgates. Sem esse suporte, há o risco de que essas lembranças interfiram negativamente na relação com os alunos, seja pela dificuldade em manter a estabilidade emocional no trabalho, seja pela projeção de experiências passadas que podem não corresponder à realidade das crianças de hoje.

A prática docente aqui, portanto, não se trata apenas de oferecer o que nos faltou, mas de criar um ambiente onde cada criança possa construir, com orgulho e segurança, sua própria trajetória. O educador, por sua vez, também precisa se reconhecer nesse processo, aprendendo a dar sem perder de vista o respeito ao tempo e à necessidade do outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Revisitar a infância no contexto da prática docente pode ser um ato de cura e transformação. As experiências da infância impactam significativamente tanto a aprendizagem quanto a prática docente, influenciando a forma como educadores constroem relações no ambiente escolar. Refletir sobre as ausências e presenças que nos formaram é

⁶Graduande em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Campinas e professore de Artes em uma escola particular na cidade de Campinas - SP.

ENLIC

CENTRO-OESTE

essencial para construirmos espaços educativos mais sensíveis e inclusivos, onde o aprendizado seja permeado pelo afeto e pelo respeito às singularidades.

Vale ressaltar que, por se tratar de uma abordagem autoetnográfica, os achados desta pesquisa partem de um olhar particular e subjetivo. No entanto, as questões levantadas podem dialogar com diversas realidades educacionais e inspirar novas investigações sobre o impacto das memórias infantis na prática docente.

Ao acreditarmos na educação como um gesto de afeto, é fundamental garantir que suas sementes alcancem terrenos férteis. Assim, embora esta pesquisa tenha sido desenvolvida no interior de São Paulo, sua relevância ultrapassa esse contexto, tornando essencial a expansão desse debate para outros espaços. A participação no Congresso Educacional do Centro-Oeste possibilita um intercâmbio entre educadores de diferentes realidades, enriquecendo as formas de compreensão e aplicação dessas reflexões na prática pedagógica.

Por fim, como educadores, é necessário que permitamos que cada criança construa sua própria trajetória, respeitando seus ritmos, histórias e pertencimentos. Como nos lembra Paulo Freire: “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.” (FREIRE, 1996).

Revisitar as crianças que fomos e respeitar as crianças que nos cercam, reconhecendo suas necessidades e subjetividades, é um caminho possível para a formação de professores comprometidos com uma educação afetiva e transformadora.

*fazer brotar em mim um monte de frutinha
frutinha boa e que faz muita sujeira
que se espalha pela praça inteira
que quando pisa deixa pegada
que mancha camiseta e riso banguelinha
cada amorinha é feita de amor
pequenos casulos de afeto que procuro cultivar
acho que estou crescendo como uma amoreira.*

Assim como a amoreira espalha seus frutos e deixa marcas por onde passa, que possamos cultivar afetos, compartilhar histórias e fortalecer a educação como um espaço humano da prática do cuidado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, acima de tudo, à criança que fui.

À Professora Orientadora deste trabalho, Selma Machado, pelo apoio.

Aos educadores e educadoras que participaram deste trabalho com seus relatos, reflexões e palavras generosas, minha profunda gratidão. Estar cercada por pessoas que acreditam verdadeiramente na educação e na afetividade me emociona e fortalece. Em especial, agradeço a Bianca Paiva, Flávia Ribeiro, Du Ribeiro e Celina Nascimento, cujos relatos enriquecem diretamente esta pesquisa.

Ao Coletivo Morada, por ser um espaço fértil e amoroso onde tantas ideias artísticas germinam e nutrem o cerne desta pesquisa.

E, por fim, ao ENLIC, pela disponibilidade e atenção em possibilitar esse espaço de troca e aprendizado.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte*. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- BRASIL. **Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018. Capítulo: Arte, p. 179-200. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>. Acesso em: 03 jan. 2025.
- EVARISTO, Conceição. *Escrevivência: a escrita de nós*. Belo Horizonte: Nandyala, 2017.
- GARDNER, Howard. *Inteligências múltiplas: a teoria na prática*. Porto Alegre: Artmed, 1995.
- GONÇALVES, Laura Fernandes. TOLEDO, Bianca Raquel. RODRIGUES, Paula Luzia. **A afetividade no campo do ensino de artes: um relato de experiência pibid artes unicamp**. Anais do I Congresso Norte-Nordeste PIBID/PRP. Campina Grande: Realize Editora, 2024. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/107459>>.
- HOOKS, bell. *Bone Black: Memories of Girlhood*. New York: Henry Holt, 1996.
- HOOKS, bell. *Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática*. Rio de Janeiro: Elefante, 2019.

ENLIC CENTRO-OESTE

HOOKS, bell. *Teaching Community: A Pedagogy of Hope*. New York: Routledge, 2003.

MARCONDES, Marina. **Espiralidades: arte, vida e presença na pequena infância**. In: SALVADORI, Márcia; MACHADO, Maria Clara Bueno Fischer (orgs.). *Infâncias e Artes: conexões, pedagogias, estéticas e políticas*. Campinas: FE/UNICAMP, 2020. p. 361-374. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/2431/53-artigos-salvadorimab.pdf>. Acesso em: 03 jan. 2025.

MARQUES, Isabel. *Ensino de dança hoje*. São Paulo: Cortez, 2009.

RIBEIRO, Djamila. *Pequeno manual antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SCOTTON, Daniela. **Jogos e brincadeiras: aspectos sociais e culturais do brincar**. Disponível em: <https://www.pedagogiaaopedaleta.com/wp-content/uploads/2013/06/JOGOS-E-BRINCADEIRAS.pdf#page=12>. Acesso em: 03 jan. 2025.

TESSLER, Elida. **Coloque o dedo na ferida aberta ou a pesquisa enquanto cicatriz**. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPAP, 13., 2004, Brasília. Anais [...]. Brasília: ANPAP, 2004. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC000000032004000100040&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 03 jan. 2025.

TOLEDO, Bianca Raquel De et al.. **Protagonização do aluno através do ensino de artes**. Anais do IX ENALIC... Campina Grande: Realize Editora, 2023. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/104050>>.

ANEXO 1

Poema: Quero crescer como uma amoreira.

Autoria: Bianca Toledo

Ano: 2024

quando criança, no verão, catava amora na escola, sujava meu uniforme de frutinha. manchava meus dedos de roxo e cor de rosa, e guardava um pouquinho pra depois enrolando na camisa. às vezes a gente subia na goiabeira também, pra brincar de casinha, de mamãe e filhinha. Depois, saía correndo pra pegar o transporte pra casa e algumas amorinhas caíam

ENLIC

CENTRO-OESTE

pelo chão, eram sempre lagartas e amoras que marcavam rastros, pegadas de crianças
arteiras. lembranças e registros de bagunça, memórias de infância e crescimento.

quero ser uma árvore que dá sombra no sol
cada amora me faz lembrar, seu amargor fazia franzir o rosto
o doce da frutinha misturado com risada de criança
é disso que quero
sempre que encontro uma amoreira tenho certeza que quero crescer como uma árvore
uma árvore que faz sombra no verão
que alimenta gerações
que oferece abrigo
que cuida de quem ama
sim quero crescer como uma amoreira
quero passar por todas as etapas desse crescimento
conhecer cada espaço nesse mundo que meus galhos vão ocupar
sei que ao longo da vida ocupei os formatos das casas que morei
então agora, quero afetivamente ocupar uma amoreira
fazer brotar em mim um monte de frutinha
frutinha boa e que faz muita sujeira
que se espalha pela praça inteira
que quando pisa deixa pegada
que mancha camiseta e riso banguelinha
cada amorinha é feita de amor
pequenos casulos de afeto que procuro cultivar
acho que estou crescendo como uma amoreira.